

## **Relações de gênero, corpo, “raça” e geração em contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro.**

**Aluno: Ana Carolina Saavedra Losada Lopes**  
**Orientador: Sonia Maria Giacomini**

### **Introdução**

Louis Wirth [1], Georg Simmel [2], Robert Park [3], Vagner G. Da Silva [4] e José Guilherme C. Magnani [5] são autores que estudam a cidade e o homem citadino, o ambiente urbano que é o contexto em que ocorrem as formas de sociabilidade estudadas nessa pesquisa. Alguns conceitos-chaves utilizados por esses autores são, *ecologia, heterogeneidade, urbanismo, vizinhança, bricolagem, estratégia, folcloristas, aculturação*.

O primeiro autor, Wirth [1], se preocupa em definir urbanismo, procurando uma definição sociológica que abarque tanto as características comuns de cada cidade como também as suas especificidades. O autor qualifica, então, a cidade como um ambiente de grande influência interna e externa com uma população grande, densa, heterogênea e interdependente. Quando há um aumento populacional as formas de relação se modificam e gera uma impessoalidade, indiferença, anonimato e há uma maior superficialidade e interesse no contato entre os homens. No entanto, a cidade por necessidade econômica acaba por nivelar os indivíduos.

O segundo autor citado, Simmel [2], se debruça mais especificamente sobre a mente do homem urbano e o compara ao homem rural. O homem metropolitano possui uma indiferença e uma atitude blasé. Essa atitude blasé, e, às vezes de repulsa, é resultado do excesso de estímulos que o homem recebe da metrópole; é também uma proteção da sua liberdade individual. Na metrópole o homem luta para manter suas individualidades frente à força esmagadora da cultura, ele não quer ser nivelado e uniformizado. Essa força modifica as relações do homem metropolitano, tornando-as mais breves e calculistas. Ao contrário da cidade, as relações econômicas da vida rural são mais pessoais, pois cada indivíduo conhece aquele com quem está negociando. Além disso, o ritmo de vida da metrópole é o oposto do ritmo da vida rural, sendo o primeiro acelerado; intelectualizado e o segundo um ritmo mais lento e emotivo.

Já Robert Park [3] trata em seu texto sobre a *ecologia* da cidade. Para ele a cidade está além da sua estrutura física, é constituída pelos costumes, tradições e cultura. A sua organização se realiza pelas atividades econômicas e sociais dos indivíduos e instituições. E por isso, cada cidade possui uma *ecologia* própria e específica. Na cidade há diferentes níveis de interação, alguns são superficiais, secundárias e acontecem em lugares específicos, mas, há também uma relação de *vizinhança*, que é espontânea e seus integrantes tem uma relação mais íntima. Outros aspectos importantes são a mobilidade e o controle social. Um indivíduo faz cálculos de moradia, de serviços, e, em algumas situações se vê forçado a se mover de um lugar a outro. E essa mobilidade é muito relevante na organização estrutural da cidade.

Vagner G. Da Silva [4] através de um trabalho sobre o candomblé mostra as mudanças que tanto a cidade quanto o lazer popular geram um no outro. O candomblé quando chega na cidade não encontra os mesmos elementos que tinha em seu lugar de origem, então, precisa encontrar elementos que se adaptem ao novo lugar. Mas também, gera modificações na cidade, na medida em que, existem outras religiões; como a católica, e, provoca um repensar político. Além de modificar a região em que se situa.

Um outro autor, Magnani [5], levanta a questão das migrações para a cidade e da não distribuição dos serviços. Ao contrário do que existe no imaginário sobre a cidade, os serviços não são contemplados para todos, há uma má distribuição e concentração desses serviços para somente uma parte da população. Como resultado, surgem diversos movimentos sociais organizados e a população cria *estratégias* para suprir a ausência de certos serviços. E dentro dessas *estratégias* há uma mistura de práticas modernas e antigas. Com isso, as populações e os movimentos conquistam reconhecimento dentro da política.

Além dos aspectos mencionados, Magnani [5] também apresenta uma discussão importante sobre as festas populares. Essas festas se tornam um ambiente de prazer e lazer para a população de baixa renda, geralmente, migrantes rurais. Constituem importantes ocasiões em que se reúnem com aqueles que partilham as mesmas visões de mundo, a mesma língua.

Esse autor classifica o estudo do lazer popular a partir de duas linhas distintas: a do “conservadorismo” e a da “resistência”. Segundo esse autor, ambas, apesar de diferentes, acabam sendo igualmente simplistas ao ignorar que essas culturas se adaptam aos contextos citadinos. Outro problema levantado pelo autor concerne os *folcloristas*, que pensam na cultura como um fator isolado e imutável, e, que percebem as mudanças como aculturação. Para Magnani, essas mudanças são *estratégias* escolhidas pela população para que dentro do contexto citadino mantenha suas tradições.

Howard Becker [6] também estuda as culturas populares na cidade, aquelas chamadas de *desviantes*, fazendo um recorte nos músicos de casas noturnas. Apresenta-nos a visão do músico noturno em relação à arte, ao público, a música comercial. O músico deve fazer cálculos que envolve família, contatos, para decidir se quer fazer a música-arte ou a música comercial. O músico qualifica aqueles que não fazem a música-arte, como *quadrados*. E ele cria mecanismos; como um palco, para se isolar do público e criar uma proteção para si, se tornando um *outsider*.

Além dos estudos sobre as interações de sociabilidade e lazer na cidade, também foi estudada uma literatura enfocando a sociabilidade na Feira de São Cristóvão. É o caso do trabalho de Elaine R. Perdigão[7] que estuda os repentistas na Feira de São Cristóvão. Em seu trabalho ela descreve a arte do repente, que exige conhecimentos específicos de música, poesia e uma vivência, que não se podem aprender. E a opinião dos repentistas quanto a uma nova linha de músicos fica dividida. Alguns criticam, pois acreditam que a música voltada para o mercado perde seu caráter de música-arte. Enquanto outros falam que essas mudanças são parte de um processo natural. A autora levanta também a interação entre o público e o artista. Onde essa relação apesar do espaço do palco, o repentista de forma improvisada convida o público a participar. Uma outra autora, Maria Lúcia Martins Pandolfo [11] nos situa na Feira de São Cristóvão. Enfoca o surgimento do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, os conflitos que surgiram, as mudanças geradas, o interesse de políticos pela feira e a importância que ela tem para o nordestino. A feira além de possuir um importante papel na manutenção da identidade nordestina, consegue também divulgar esta identidade dentro do Rio de Janeiro.

Também foram estudados autores como Roberto DaMatta [8], Gilberto Velho[9] e Magnani [10] que tematizaram sobre o papel da Antropologia no estudo sobre a cidade.

Roberto DaMatta[8] apresenta as três fases do trabalho etnológico; o primeiro teórico-intelectual que é o contato com os textos somente, sem conhecimento algum da visita do campo, o segundo período prático e por último pessoal essencial que é quando o antropólogo já está em campo e sua preocupação é o que deve apreender do trabalho. Mas o conceito

chave do texto é o *Anthropological Blues* que é o movimento de transformar o natural em exótico, gerando um estranhamento.

Gilberto Velho [9] discute a questão do distanciamento do estudioso quanto ao seu objeto e a impossibilidade de haver uma total imparcialidade quanto ao seu trabalho. Também discute o movimento de tornar o familiar em exótico. Só que mostra quando o campo de estudo é sua cidade, não há um conhecimento total das regras, pois a sociedade é muito complexa e possui diversos mundos.

José G. Magnani [10] aborda o tema da mudança de foco da Antropologia e o papel do antropólogo. Em um primeiro momento a Antropologia estudava povos considerados primitivos que eram distantes fisicamente. Contudo, com o passar do tempo a Antropologia percebeu que as cidades eram um tema importante, e, que apesar de não haver uma distância física era complexa e variada. Além disso, fala sobre como o modo de andar que o antropólogo deve ter para observar seu campo. Esse andar e esse timing estão entre o do turista, que observa tudo sem uma ordem e foco, e, o do nativo que só usa aquele trajeto com o objetivo de chegar a um determinado ponto.

No estudo da sociabilidade na cidade, o corpo e a corporalidade do cidadão foram tematizados através da contribuição da Antropologia do corpo. O recurso a conceitos tais como *técnicas corporais*, *a imitação prestigiosa*, *o corpo como vetor semântico*, *corpo ideal*, *corpo legítimo*, *corpo real*, *pudor*, *corpo rascunho*, revelaram-se particularmente importantes para a compreensão das formas de sociabilidade na cidade.

Marcel Mauss [12] e David LeBreton [13] percebem a importância da educação para que o homem se torne um ator social. Ambos desnaturalizam o corpo demonstrando que o corpo é um produto cultural-social.

Marcel Mauss [12] traz um conceito chave para pensar a Antropologia do Corpo: a noção de *técnicas corporais* indica que não há nada de exclusivamente natural mesmo em atos como andar, ou respirar, mas técnicas que são selecionadas, eficazes e transmitidas pela educação de uma geração a outra. E essas técnicas são escolhidas pela cultura, por serem consideradas mais adequadas. Ademais, o aprendizado destas técnicas é selecionado de forma não consciente pela *imitação prestigiosa*. Ou seja, a criança imita aquele que tem mais prestígio, o que já revela a natureza social dessa imitação.

David LeBreton [13] aporta uma reflexão importante a respeito da corporalidade ao demonstrar com casos de crianças selvagens a importância da educação e do “outro”. Ele demonstra que o corpo é capaz de se adaptar a situações extremas até certa idade na qual a criança ainda não virou um ator social. Ao comparar com o animal, demonstra que o homem é aberto e incompleto, e que sempre precisa do “outro” para aprender as *técnicas corporais*.

David LeBreton [14] em um outro livro, “A sociologia do corpo”, explica que é através do corpo que o homem experimenta, traduz o mundo de forma a torná-lo carregado de valores e sentidos, e, compreensível. Ele é também o que confere individualidade para o homem, separando o “eu” do “outro”.

Além do mais, o corpo possui uma linguagem própria, que apesar de ser diferente da linguagem oral, é também importante para a comunicação, e não se pode pensá-las separadamente. Primeiro, a gestualidade é específica de cada cultura, e, mesmo que alguém aprenda a linguagem oral não significa que consiga aprender a gestualidade. Segundo, a palavra é ambígua, enquanto a linguagem corporal não o é da mesma maneira.

Pierre Bourdieu [15] apresenta dois conceitos de corpo que tem grande importância para o entendimento da percepção social do corpo e de como a corporalidade participa das interações sociais: as noções de *corpo real*, *corpo ideal* e *o corpo legítimo*. *O corpo legítimo* é um corpo social, é arbitrário e modificado pela classe dominante. O corpo ideal é corpo

mais distante da natureza e mais próximo da civilização. Ambos são corpos que não podem ser alcançados por todos, mas só por uma parcela da sociedade que dispõe de tempo e de dinheiro.

Segundo David Le Breton[16] o corpo sempre foi pensado como um aspecto negativo do homem, porque ele apodrece, então, foi sempre separado da alma. Na medicina moderna não se vê o corpo como um inteiro, mas sim, partes que devem ser curadas. Além disso, o homem moderno percebe o corpo como um *rascunho, acessório, transitório e veículo* que deve ser constantemente aprimorado para que possa, enfim, chegar à verdadeira identidade pessoal. Com a modernidade e as crescentes tecnologias, o corpo perde seu valor de uso, e, se torna incomodo sendo substituído cada vez mais por máquinas.

Já a Mirian Goldenberg [17] e Maria Luiza Heilborn [18] abordam o corpo na cidade do Rio de Janeiro. Em ambos notaremos que há uma influência do clima, da praia na maneira como o carioca utiliza seu corpo, como ele se veste. Segundo elas, o corpo carioca é mais exposto, quase nu, o que não ocorre absolutamente em todos os locais onde existe o mesmo clima ou temperatura.

Mirian Goldenberg [17] desenvolve sua análise a partir da noção de  *pudor*. O corpo que pode ficar  *nu* ou ser exposto, só é aquele corpo que é considerado belo e bonito pelas elites cariocas. E, esse corpo ideal da elite é aquele que é trabalho, ou seja, tem tempo e dinheiro para freqüentar a academia, a praia, se alimentar de forma mais saudável, ou para financiar cirurgias, e cremes anti-envelhecimento, que não tem marcas de celulite, de estrias ou rugas. Porém, quando o corpo não pertence a esse status ideal, se torna um tabu expô-lo.

Ao freqüentar a Feira de São Cristóvão foi possível perceber a diferença entre esse corpo estudado por Goldenberg e aquele corpo celebrado pelo nordestino: o corpo nordestino é forte, protuberante, com marcas como celulite, a alimentação é gordurosa, bem servida, e as roupas utilizadas marcam essas características. Outra diferença é a representação que o nordestino faz do envelhecimento. Sendo assim, é o corpo considerado pela elite carioca como feio e que não deve ser exposto.

No livro organizado por Clarice E. Peixoto [19] o tema abordado é o envelhecer, cada autor analisando por uma lente diferente. No primeiro capítulo de Myrian Moraes Lyns de Barros chamado “Velhice na contemporaneidade” a lente utilizada para estudar a velhice é a modernidade. No segundo capítulo “Provedor e militante: imagens de homens aposentados na família e na vida pública” de Júlio Assis Simões aparece a luta travada pelos idosos contra o estigma social em que se encontram. No texto “Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar” de Clarice Ehlers são apresentadas algumas das razões que levam os aposentados voltarem a trabalhar. No quarto capítulo “Sexo e Envelhecimento” de Claudine Attias- Donfut, ela procura entender a velhice pela lente do gênero feminino. No quinto e último capítulo do livro; “Sociabilidades possíveis: idosos e tempos geracionais” Alda Britto da Motta se apropria dos grupos de sociabilidade para a compreensão da velhice.

No início do primeiro capítulo a autora se preocupa em explicar alguns conceitos importantes da modernidade; o primeiro é o “indivíduo”, que se opõe ao “grupo” da sociedade tradicional. Outro valor é a percepção construída em torno do tempo, que é limiar, histórico e irreversível. Um terceiro valor, igualmente, importante é a juventude, como um valor ligado ao progresso, a mudança social e a padrões definidores de beleza. O envelhecimento é pensado como um ciclo da vida oposto ao da juventude. Ou seja, o envelhecer é um processo que torna o indivíduo anti-produtivo, declínio e estigmatizado.

Julio de Assis, no segundo capítulo, fala sobre os problemas que sofrem os aposentados. Pela falta de uma aposentadoria decente para o idoso desfrutar, força uma situação de recoabitação entre gerações ou à volta ao mercado. E como resultado surgem alguns movimentos de aposentados pela melhoria da aposentadoria. Movimentos que não vêm a

volta ao mercado como negativo, mas, como importante para auxiliar seus filhos. Entretanto, essa recoabitação é necessariamente transitória.

No terceiro capítulo Clarice Ehlers Peixoto discute as razões que levam os aposentados a recoabitar com seus filhos ou netos. Primeiro por causa das dificuldades de se manter no mesmo nível que possuía, ou seja, muitas vezes saem do trabalho formal para o trabalho informal. Por um lado uma aposentadoria muito baixa. Por outro um sistema previdenciário precário. De um lado, a medicina aumentando a longevidade. De outro, a viuvez. Por último o desejo de manter o mesmo nível de vida.

No quarto capítulo “Sexo e Envelhecimento” a autora levanta o tema da juventude e da moda como uma ferramenta de estigmatização dos idosos, principalmente, para as mulheres. Porque, a mulher vive mais tempo que seus cônjuges, levando-as assim à solidão. Conseqüentemente, a mulher se vê obrigada a assumir um papel além daquele já esperado, o papel masculino. Mas, ao mesmo tempo, a mulher cria mais redes e laços sociais que os homens, e, por isso, raramente ficam sozinhas. Mas mesmo assim, ainda existem os conflitos de gerações.

Alda Britto da Motta se propõe a abordar o tema dos grupos de sociabilidade extra-familiar. Estes grupos de convivência são fabricados de diversas maneiras, e, produzem a sociabilidade como uma mercadoria. Contudo existem duas formas de grupos de convivência: pública e auto-organizado. A maior diferença é que nas instituições públicas não se convive com quem lhe convêm, mas sim com quem lhe é apresentado. Mas mesmo entre os grupos organizados existe um líder, que geralmente é representado por uma mulher, que dita as atividades e as regras do grupo.

Esses grupos exercem duas funções; por um lado há um sentido mercantilista, de fazer o dinheiro dos idosos passar a circular. Por outro lado, geram outra forma de sociabilidade fora do trabalho e da família, mas que também os inserem na sociedade; devolvendo-os sensação de alegria e vida.

Sobre a questão do gênero a autora, assim como Júlio Assis Simões; Clarice Ehlers Peixoto e Claudine Attias-Donfut, mostram que entre os idosos, os que mais buscam os grupos de sociabilidade são as mulheres. Porque a viuvez é um fator inesperado e exige da família e do idoso uma reorganização estrutural, levando a mulher a assumir, muitas vezes, os dois papéis sociais. Contudo no caso do homem, o seu modo de vida é pouco modificado.

Entretanto, a autora apresenta outro argumento que é da viuvez como uma libertação. Em muitas falas apresentadas por sua pesquisa, pode-se perceber que a viuvez não é vista entre os idosos como ruim. Com exceção, da fala das mulheres que nunca tiveram que trabalhar, e, diante da viuvez se vêem obrigadas a se inserir no mercado. A autora argumenta baseada nas falas, que o casamento ocorria ou muito cedo, ou por um contexto de pobreza e necessidades.

Em uma visita realizada a barraca brega da Feira de São Cristóvão, conversamos com uma senhora que nos contou que já era viúva a quinze anos, que vinha todo domingo para Feira de São Cristóvão e que possuía dois namorados, mas que nenhum dos dois ia a casa dela ou freqüentava a Feira com ela.

Sonia Maria Giacomini [20] realizou um trabalho sobre o espaço brega dentro da Feira de São Cristóvão. O *universo brega* é composto por cantores, quase sempre masculinos, e por freqüentadores, em sua maioria mulheres de “terceira idade”. O estilo brega é emotivo, afetivo e esses sentimentos aparecem com freqüência nas músicas. Na performance há um mestre-de-cerimônias que apresenta os artistas, e, cumprimenta um grupo de freqüentadores fieis.

Durante algumas visitas à Feira de São Cristóvão, mais especificamente a barraca brega, notamos que há um grupo de senhoras que chega no horário da abertura e fica próximo ao palco dançando e vendendo os CDs dos artistas. Notamos também que além de mim, e as moças que atendiam não havia nenhum jovem que ficasse mais de alguns instantes vendo as apresentações. Além disso, a barraca brega se tornou um espaço de flerte entre pessoas de terceira idade.

## Objetivos

O objetivo inicial da pesquisa era problematizar as questões que se referem à sociabilidade na cidade, em particular na Feira de São Cristóvão, enfocando o corpo, gênero e geração, através de uma reflexão fornecida pela Antropologia Urbana. Ou seja, examinar como se constitui a cidade e a sua *ecologia*, a forma como essa cidade afeta a construção da identidade do homem urbano, como ela percebe o “outro” e as diferenças entre o estilo de vida urbana e rural.

Cada cidade possui características específicas que as diferenciam, contudo, toda grande cidade é niveladora e heterogênea e suas influências se encontram além de suas fronteiras físicas. E como resultado destas duas forças contraditórias; o homem citadino adota muitos maneirismos para se diferenciar e não ser uniformizado.

Além disso, a cidade permite ao homem ter acesso a muitas informações o que acaba por transformá-lo em indiferente, blasé. Como consequência, a maneira como o homem citadino percebe a “alteridade” é carregada por esta indiferença, e, algumas vezes até de repulsa. Contudo, essa *alteridade* tem um papel fundamental na constituição da cidade, na medida em que exige espaços de lazer e cultura diferentes. Como é o caso da Feira de São Cristóvão, ou do candomblé, como aparece nos textos de Maria Lucia Pandolfo [11] e Vagner Da Silva [4].

Com esta bagagem teórica passamos ao estudo da Feira de São Cristóvão. Com finalidade de conhecer sua história, sua influência na cidade e qual sua importância para manutenção da identidade nordestina. A Feira é um espaço de lazer popular e dentro dela existem variados espaços de socialização, como por exemplo; a barraca de brega ou os palcos de forró. Seu mito de origem é que ela se torna um lugar para reviver as memórias e a saudade do nordeste e reaver amigos. Entretanto, com seu crescimento se tornaram necessárias algumas mudanças na estrutura e organização da feira. Atualmente a Feira de São Cristóvão recebe não só os nordestinos, mas, os cariocas e outros turistas que partilham esse gosto pelo nordeste.

A partir desta base teórica, dedicamos ao estudo Antropologia do Corpo. A função do corpo na construção do “eu” se mostra em diferentes pontos. Primeiro, mostra qual a importância que o “outro” tem, pois, para que o homem se torne um ator social precisa de um modelo social que lhe ensine as *técnicas corporais*. Segundo, desnaturaliza o corpo, mostrando-o antes como um produto social-cultural. Inclusive, que em cada sociedade há uma construção do conceito de beleza, de envelhecer, de *pudor* e tabus diferentes. Terceiro apresenta-o como *linguagem*, como um sistema simbólico de comunicação. Ademais, o corpo é o *vetor semântico* do homem na apropriação e reconstrução do mundo. Quer dizer, é através do corpo que o homem sente e compreende o mundo. E também, cria ferramentas que o complementa; como o avião.

Outra discussão levantada sobre o corpo diz respeito ao *corpo ideal* e o *corpo real*. Mostrando o papel da classe dominante, o discurso médico e da mídia na idealização de um corpo padrão. Onde a juventude, a magreza e a falta de marcas ocupam o papel do belo. As elites buscam sempre trabalhar seu corpo nas academias, ir à praia, e manter uma alimentação leve. E, quando alguém não trabalha seu corpo é desqualificado.

No processo do envelhecimento existe um trabalho de manutenção da juventude através de cirurgias, e produtos. Apesar de este ser o padrão de beleza da elite carioca, os nordestinos percebem o corpo e o envelhecer de forma diferente. Então, o objetivo desta pesquisa foi compreender as diferenças entre a construção do corpo, do envelhecimento entre a elite carioca e os nordestinos.

Perseguiu-se também o objetivo de analisar o corpo e o envelhecimento através do trabalho de campo no espaço brega da Feira de São Cristóvão. A comparação das formas como as freqüentadoras do espaço brega percebem e se utilizam de seu corpo naquele espaço de sociabilidade forneceram um contraste muito vivo frente as formas como as senhoras da elite carioca concebem e se apropriam de seu corpo.

## **Metodologia**

O primeiro passo de um trabalho da etnologia, segundo Roberto DaMatta, é um estudo teórico do tema.

Iniciamos esta pesquisa com leituras introdutórias sobre Antropologia Urbana que se divide em diferentes ramos. Depois nos focamos na leitura de pesquisas na Feira de São Cristóvão. Em seguida, estudamos a Antropologia do Corpo em uma matéria da faculdade e realizamos um trabalho de campo. E por fim foram realizadas algumas visitas à Feira de São Cristóvão.

Alguns antropólogos como Roberto DaMatta, Gilberto Velho e José Guilherme Magnani ressaltando como a Antropologia mudou de foco e a importância de existir trabalhos de campo que envolvem a cidade. E, também preocupados em delimitar o papel do antropólogo no trabalho etnológico.

Ademais, existem autores que se propõe a estudar as cidades e entender os pontos que cada uma possui em comum. Esses autores se preocupam também em compreender como o homem e a cidade se afetam mutuamente, e comparar o estilo de vida da metrópole com a vida rural.

Outro ramo importante da Antropologia Urbana é aquele que estuda o lazer e a cultura popular. Pois, permite entender como esses espaços de sociabilidade são importantes para a população de baixa renda e imigrantes se integrar a cidade, e, reviver suas identidades regionais. Além das mudanças que os espaços de lazer geram na cidade, mas, ao mesmo tempo se modificam para se adequar a cidade.

Inclusive, há um estudo sobre as culturas *desviantes*. Neste estudo se discute sobre o antagonismo entre a música arte e a música comercial. Onde na vida de um músico se vê no dilema entre conseguir dinheiro ou produzir uma arte.

Depois optamos pela leitura de textos que falam mais especificamente sobre o Centro Luiz Gonzaga de tradições nordestinas. Com a finalidade de entender sua história, sua importância na preservação da identidade nordestina. E também, que *estratégias* foram escolhidas para que fosse possível se adequar a cidade sem perder seu objetivo inicial. O que transformou a Feira de São Cristóvão em um espaço de sociabilidade em que vão nordestinos, cariocas e turistas de outros países.

A incursão na Antropologia do Corpo e o trabalho de campo na Feira de São Cristóvão foram muito importantes para permitir a comparação com o corpo do carioca. A desnaturalização do corpo foi um primeiro passo fundamental para o exame dessa formas de corporalidade. Dessa forma, o corpo foi concebido como tendo uma linguagem própria que é carregada de sentidos e valores de cada sociedade.

Além de estudar mais profundamente como as elites, principalmente a carioca, valorizam e constroem suas percepções em torno do corpo ideal e o feio. Para depois fazer uma comparação entre os ideais de corpo do carioca e do nordestino.

Juntamente com o estudo do corpo examinamos a questão do envelhecimento. Quando as elites cariocas escolhem a juventude como representante da beleza estigmatizam o envelhecer. E criam métodos para retardar o envelhecimento, através de cremes e cirurgias. Contudo, ao freqüentar a barraca brega da Feira de São Cristóvão pudemos comparar esses valores da elite carioca com a do nordestino.

## **Conclusão**

Com o estudo sobre a cidade pudemos concluir que cada cidade tem uma configuração muito específica já que cada instituição, cada espaço de lazer popular e os próprios indivíduos seguem uma lógica diferente, reorganizando a cidade.

Porém, mesmo que cada cidade possua suas especificidades existem também características que são universais de todas as cidades. Pois nela é celebrada a “alteridade”, mas ao mesmo tempo, ela é niveladora. E a cidade produz muitos estímulos no homem, criando um homem diferente daquele da vida rural. O homem citadino é mais calculista, interesseiro, indiferente, blasé e intelectual. Suas relações são mais breves e distantes.

Como resultado deste homem citadino indiferente e uma ausência de serviços surgem os espaços de lazer popular. Esses espaços de lazer popular reúnem aqueles que partilham de uma mesma visão de mundo, que falam a mesma língua e os permite a reviver sentimentos saudosistas, encontra amigos e socializar. A Feira de São Cristóvão é pensada dentro desta lógica.

A Feira de São Cristóvão permite ao nordestino reaver contato com objetos e pessoas que estão no nordeste e também fazer e reencontrar amigos. Esse espaço de reencontros tornaria a vida na grande metrópole menos difícil. Mas à medida que a Feira foi crescendo se tornou interessante para os políticos.

Como consequência deste interesse, se tornou possível realizar obras e criar novas regras para reorganizar este espaço. No entanto, ao contrário dos estudiosos que pensam as mudanças como uma aculturação, tais mudanças também foram resultado de *estratégias* dos integrantes da Feira de São Cristóvão para conseguir ao mesmo tempo manter algumas tradições e modificar outras. Além disso, a feira ganhou maior visibilidade e atualmente não só os nordestinos freqüentam a feira, mas também, os cariocas, brasileiros e os turistas de outros países.

Com a matéria da Antropologia do Corpo pudemos compreender o corpo como o guia do homem para absorver, traduzir, modificar e valorar o mundo. O corpo tem um papel fundamental na inserção do homem no mundo e no seu contato com o outro, pois ele que delimita o “eu” e o “outro”. Mas também nos auxiliou ao demonstrar que o ator social se constitui a partir da educação e do contato com o outro.

E ainda, nos mostrou que o corpo é um produto social que sofre modificações culturais. Onde a elite dominante uma sociedade apoiada pelos meios de comunicação ou pela medicina, dita o  *pudor* e o modo como o corpo deve ser construído e percebido.

Ao realizar a leitura do texto de Miriam Goldenberg [17] pudemos apreender a maneira como a elite carioca constroi seu ideal de beleza e de feiúra. Onde a beleza está justamente ligada ao tempo e dinheiro empregado na construção do corpo, freqüentando a academia, a praia, se alimentando de forma light, comidas não gordurosas, utilizando cremes que tiram as marcas corporais, como rugas, estrias e celulites, e, que atrasam o envelhecimento, afastando-os cada vez do corpo “natural”.

Comparando com a experiência na Feira de São Cristóvão, pudemos perceber que o nordestino valoriza um corpo protuberante, forte, e os alimentos são gordurosos e bem servidos, não se preocupam em esconder suas marcas corporais. Ao contrário, utilizam roupas que valorizam seu corpo.

Com isto, podemos concluir que o conceito de beleza é construído socialmente, e, que cada sociedade percebe e utiliza o corpo de uma forma diferente. E que dentro de um mesmo espaço, que é a cidade do Rio de Janeiro, é possível encontrar visões de belezas antagônicas, como a da elite carioca e a dos nordestinos.

Entretanto, as diferenças não estão só relacionadas à sua representação do corpo. Mas também, a um momento do ciclo da vida que é envelhecer.

Enquanto a mulher da elite carioca que percebe o envelhecer como um momento de declínio, ou de isolamento, e visam manter sua juventude através de cremes. Na Feira de São Cristóvão e mais especificamente o espaço brega, o envelhecimento é visto como um momento de aproveitar a liberdade e de sociabilidade. Aonde as senhoras vão para encontrar amigas, beber cerveja, dançar e até mesmo flertar. Na fala de uma senhora frequentadora da Feira de São Cristóvão observa-se uma liberdade pela viuvez. Já com quinze anos de viuvez ela frequenta o espaço brega todo domingo para ouvir seus cantores, e, desacompanhada de filhos, parentes ou namorados.

### Referencia Bibliográfica

- 1- WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: Fenômeno Urbano. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 90-113
- 2- SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: Fenômeno Urbano. 2.ed Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 13-28
- 3- PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: Fenômeno Urbano. Zahar Editores 2ed. Rio de Janeiro, p.29-72
- 4- DA SILVA, Vagner G. **As Esquinas Sagradas – o candomblé e o uso religioso da cidade**. In: Na Metrópole EDUSP, São Paulo, 1996. P.91-122
- 5- MAGNANI, José Guilherme C. **A descoberta da periferia**. In: Festa no pedaço cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 14-20  
\_\_\_\_\_. **Proposta de análise e escolha do objeto**. In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 20-30  
\_\_\_\_\_. **O circo: descrição geral** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 31-50  
\_\_\_\_\_. **Questões de método**. In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 51-60
- 6- BECKER, Howard S. **A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna**. In: Outsiders- Estudos de sociologia do desvio, Zahar, Rio de Janeiro, 2005. P.89-110  
\_\_\_\_\_. **A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna**. In: Outsiders- Estudos de sociologia do desvio, Zahar, Rio de Janeiro, 2005. P.111-128
- 7- PERDIGÃO, Elaine R. **Rima e Improviso: O Combate Versado no Repente**. Pós-Gadruação da UFF, Niterói, 2009, P.1-44
- 8- DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.23-35

- 9- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.36-46
- 10- MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é cidade**. In: Na Metrópole EDUSP, São Paulo, 1996. P.14-51
- 11- PANDOLFO, Maria Lúcia M. **A Feira de São Cristóvão: Espaço sentimental Nordeste Rio de Janeiro**. Cadernos Avulsos da biblioteca do professor do Colégio Pedro II nº 12, Rio de Janeiro 1989
- 12- MAUSS, M. 1974 **As Técnicas Corporais** In Mauss. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, Vol II, p.209-233
- 13- LE BRETON, D. 2009. **As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, Vozes Caps 1 e 2, p 15-37 e 39-109
- 14- LE BRETON, D. 2006. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, Vozes Caps I e V p.7-13 e 39-61
- 15- BOURDIE, P. 1977. **Notas Provisórias sobre a percepção social do Corpo In: Actes de La Recherche em Sciences Sociales**. Nº 14, abril, 1977, p.51-54
- 16- LE BRETON, D. 2003. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas, SP; Papius. Introdução e Cap. 1, p.13-26 e 27-54
- 17- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. 2002. **“A civilização das formas: o corpo como valor” In M. Goldenberg(org) Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro, Record p.19-40
- 18- HEILBORN, M.L. 1999. **Corpos na cidade: Sedução e Sexualidade In Gilberto Velho(org.), Antropologia Urbana**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.98-108
- 19- PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.) . **Família e Envelhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 144 p
- 20- GIACOMINI, Sonia Maria. **Emoção “Brega” e relações de gênero na Feira de São Cristóvão: corações, corpos e mentes em transbordamento emocional**. P. 2-17
- 21- GIACOMINI, Sonia Maria. **Sociabilidade, gênero e emoções num espaço de lazer popular: os cordéis na Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro**. P.16-39
- 22- FOUGERAY, S. 1988. **Do Corpo na antropologia à antropologia do corpo**. Revista Antrpológicas 7, p.289-296
- 23- MAUSS, M. 2001. **A Expressão Obrigatória dos Sentimentos**. In Marcel Mauss: Ensaio de Sociologia. São Paulo, Ed. Perspectiva. P.325-335.
- 24- RODRIGUES, J.C. 1975. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro, Achiamé. P.43-87
- 25- MALUF, S.W. 2002. **“Corporalidade e Desejo”** In: Revista de Estudos Feministas, Vol. 10 nº1.
- 26- ROHDEN, F. 1998 **“O corpo fazendo a diferença”**. Mana. Estudos de Antropologia Social, nº4, p.127-142